

# DO SERTÃO PARA OUTROS MUNDOS: AS MIGRAÇÕES PARA O TRABALHO E EM REDE EM PORTEIRINHA, SÃO FRANCISCO, MIRABELA E MONTES CLAROS – MINAS GERAIS

**Resumo:** O presente artigo traz reflexões que foram elaboradas durante os trabalhos de campo do Projeto de Pesquisa “Do Sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais”. Realizado pela equipe interdisciplinar de pesquisadores do OPARÁ-MUTUM, tivemos como objetivo compreender as redes de relações sociais formadas pelos migrantes, baseados na experiência de famílias que vivenciam a migração para o trabalho. A primeira etapa da pesquisa empírica ocorreu a partir dos municípios de origem, sendo eles: Porteirinha, São Francisco, Mirabela e Montes Claros, onde os trabalhos de campo revelaram as redes tecidas e todas as mudanças ocasionadas pelo processo de deslocamento, permeado por expectativas de uma vida melhor.

**Palavras-Chave:** Migrações Internas; Trabalho; Redes Migratórias; Norte de Minas Gerais.

**Abstract:** This article brings reflections that were elaborated during the field work of the Research Project “Do Sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais”. Carried out by the interdisciplinary team of researchers from OPARÁ-MUTUM, we aimed to understand the networks of social relationships formed by migrants, based on the experience of families who experience migration for work. The first stage of the empirical research took place from the cities of origin, namely: Porteirinha, São Francisco, Mirabela and Montes Claros, where fieldwork revealed the woven networks and all the changes caused by the displacement process, permeated by expectations of a better life.

**Keywords:** Internal Migrations; Work; Migratory Networks; North of Minas Gerais.

## Introdução

Este texto traz reflexões que foram elaboradas durante os trabalhos de campo do Projeto de Pesquisa “*Do Sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais*”<sup>1</sup>. Objetivando compreender as redes de relações sociais formadas pelos migrantes, baseados na experiência de famílias que vivenciam a migração para o trabalho, iniciamos a

---

<sup>1</sup> O Projeto de Pesquisa “*Do Sertão para outros mundos*”: *As redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais* – aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa pela portaria CEPEX 034/2017, é realizado pelo OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/UNIMONTES).

pesquisa empírica a partir dos municípios de origem, neste caso: Porteirinha, São Francisco, Mirabela e Montes Claros.

Percorremos o Sertão Norte Mineiro e por isso, adentramos em seus cenários de vida. Passamos pelos caminhos do rio São Francisco que trazia consigo os homens, suas redes e barcos. Presenciamos a festa do padroeiro e gente reunida na praça da Igreja. Fomos acometidos por uma pluralidade de cores e sabores, mas também avistamos a paisagem cinza entre abril e setembro, a espera dos meses de chuva e da colaboração de *São Pedro*. Vimos os desenhos das encostas e sopés da Serra Geral, mulheres e crianças sentadas a frente de suas casas, meninos correndo descalços e soltando *pipas*. Carros compartilhando a pista com cavalos e bicicletas. Vimos um espaço de ambientes, natureza, culturas, gentes e vidas diversas. Chegamos no Sertão do Gerais!

**Foto 1:** Cotidiano e Cenários do Sertão Norte Mineiro



Fonte: Acervo OPARÁ-MUTUM.

Para nos aproximarmos mais profundamente nesta região, precisamos nos debruçar sobre o conhecimento da categoria *sertão* e seus diversos significados. Em consonância com Lopes (2012), entendemos o sertão como categoria social e

sociológica, aplicada tanto na compreensão das especificidades regionais, como das suas diferenças. O esforço que fazemos aqui é de compreendê-lo através da sua pluralidade, “o lugar sertão constitui um amplo e heterogêneo espaço em que múltiplas e diversas relações sociais, culturais, econômicas e políticas imbricam-se e conjugam diferentes lógicas e modos de ser, viver, sentir e pensar que fazem do sertão o lugar dos sertões” (LOPES, 2012, p.353-354).

Ao falar sobre a origem etimológica da palavra, Amado (1995) aponta para a derivação de *desertão* e dentre os significados encontrados, com base no latim clássico, provem de *serere*, *sertanum*, que indica trançado, entrelaçado e embrulhado. *Desertum* que refere a aquele que sai da fileira e da ordem, o desertor. E *desertanum*, o lugar desconhecido para onde vai o desertor. Amado (1995) relata que foi por volta do século XIV que os portugueses começaram a utilizar a palavra, escrita ora com s (sertão), ora com c (certão), a princípio referiam a áreas situadas dentro do país, mas distantes de Lisboa. A partir do século XV, era empregada para “nomear espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou contíguos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam” (AMADO, 1995, p.147). E por isso, passa no século XVI, a aparecer em inúmeros escritos de viajantes do império português na África, Ásia e América.

Os viajantes estrangeiros em visita ao Brasil colônia, registraram inúmeras vezes a categoria, que no início do século XIX já estava integrada à língua usada no país. Carregada de significados negativos, de maneira geral, denotava *terras sem fé, lei ou rei*, “áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios “selvagens” e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente” (AMADO, 1995, p. 148). Por isso, a autora defende que sua construção foi dentro do contexto da colonização, absorvendo o significado original vindo dos portugueses, somados as designações referentes ao processo de conquista e consolidação da colônia brasileira.

Neste contexto, foi instaurada a dualidade litoral/sertão, que esteve presente desde os colonizadores e viajantes dos primeiros anos da Colônia, representando simultaneamente oposição e sentidos complementares. Deste modo, era entendido que nas terras brasileiras havia um litoral, que além de ser o lugar de clima agradável próximo ao mar, era também de belas paisagens, conhecido e colonizado, habitado por outros povos (índios, negros), mas dominado pelos civilizados e cultos, ou seja,

os brancos. Seria o litoral então o legítimo e único Brasil? O que se encontraria ao sair deste lugar? Talvez, o sertão, que como exposto, designava os espaços isolados, desconhecidos, perigosos, de natureza bruta e habitados pelos “descivilizados”, pois ali não havia a religião cristã, a “civilização” e a “cultura” (AMADO, 1995, p. 148).

Amado (1995, p.150) afirma que desde o início da história do Brasil, o sertão foi configurado dentro de uma “perspectiva dual, contendo em seu interior uma virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso, tudo dependeria do lugar de quem falava”. Assim, além de adquirir significados amplos e antagônicos, quando enunciado pelo colonizador e pelos relacionados aos interesses da Coroa, aparecia negativamente como *inferno*. E quando enunciado pelos vários sujeitos excluídos da sociedade colonial<sup>2</sup>, sertão representava “liberdade e esperança; liberdade em relação a uma sociedade que os oprimia, esperança de outra vida, melhor, mais feliz” (AMADO, 1995, p.149-150), o *paraíso*.

Os brasileiros durante o século XIX não apenas absorveram as representações construídas antes e durante a colonização pelos portugueses, como, a partir da Independência, acrescentaram-lhe outros, transformando a categoria como essencial para o entendimento de nação. Como exemplo, temos o livro “Os Sertões”, onde Cunha (2012) vai desnudar um outro Brasil, que ele pode conhecer durante o conflito de Canudos<sup>3</sup> e com suas descrições foi revelada a existência de nova terra, novo homem, uma luta. Foi na época um estranhamento no transpassar de uma dicotomia, apresentando o sertão como forma mais positivada de referência. O sertanejo foi um dos tipos regionais pensado e descrito por autores brasileiros, percebe-se, porém, que não existe apenas um tipo de sertão, a cultura sertaneja vai estar amarrada a aspectos regionais, históricos e sociais, onde essas multiplicidades vão revelar uma gama de características e peculiaridades. Sertão são muitos!

---

<sup>2</sup> Segundo Amado (1995, p. 149) seriam os degredados, os homiziados, os muitos perseguidos pela justiça real e pela Inquisição, os escravos fugidos, os índios perseguidos, os vários miseráveis e leprosos.

<sup>3</sup> O livro Os Sertões relata sobre a Guerra de Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, um conflito entre o movimento popular e o exército da República brasileira na comunidade de Canudos. Cunha fizera a cobertura do conflito para o jornal "O Estado de S. Paulo". Disponível em: CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2012. (Coleção biblioteca básica brasileira; 24)

## **Sertão Norte Mineiro: formação, identidades e representações em Porteirinha, São Francisco, Mirabela e Montes Claros**

De diversidade é feito o Sertão Norte Mineiro, tanto ambientalmente, como culturalmente. Costa (2005, p.28) afirma que ao longo da trajetória histórica regional, no imbricamento dos processos civilizatórios, as características de cada agrupamento humano que se fixou no Norte de Minas, contribuíram para a singularidade do lugar. Entre cerrados e caatingas, beiras de rios e sertão, a diversidade caminha junto com as identidades. Entendemos aqui, que para haver identidade é preciso uma auto-identificação, que sobrevém contrastivamente, pois identidade não é algo fixo, permanente e único e sim uma *celebração móvel*, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2011, p.13).

Alicerçados numa relação de modos de vida e viver, os Norte Mineiros constituíram especificamente seus territórios, que perpassam por uma relação de *territorialidade*, ou seja, o “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”” (LITTLE, 2002, p.3). O Norte de Minas foi primeiramente denominado de *Currais da Bahia*, pertencendo às Capitânicas da Bahia e de Pernambuco e somente em 1720 foi incorporado à capitania de Minas Gerais. Segundo Costa (2007) essas minúcias constroem as especificidades do lugar, que teve na atividade pastoril a base a partir da qual, as múltiplas populações construíram suas culturas.

Costa (2003) afirma, que através do discurso da mineiridade, existe a invenção da imagem una de Minas Gerais, visão dominante que aciona e valoriza a civilização do ouro, a cultura urbana e remete as paisagens montanhosas das cidades históricas. Deste modo, compreende que “falar Minas Gerais é acionar um signo que informa apenas um dos processos constitutivos e fundantes da sociedade mineira. Aquele que se caracteriza pela formação de arraiais de mineração [...]. Ou seja, as minas gerais, ou se se quiser, as minas generalizadas” (COSTA, 2003, p.284). Por isso, o Norte de Minas é acionado como um signo diacrítico, pois como vimos, sua constituição é oposta à da área de mineração, o que distingue dessa visão homogênea.

Ao mesmo tempo que, por conta do interesse político, é passada a ideia de uma unicidade mineira, o sertão é também lembrado da sua diferença, estigmatizado

e vinculado a barbárie, pobreza, atraso e natureza hostil. Compreendemos, que no imaginário social há uma invenção que não leva em consideração os processos específicos de formação. Precisamos ratificar que o Sertão Norte Mineiro é múltiplo e em meio a grandes diversidades, é ainda marcado por estigmas de uma região atrasada economicamente e politicamente, referida como lugar de expulsão. São assim as vidas múltiplas de Porteirinha, São Francisco, Mirabela e Montes Claros, municípios Norte Mineiros que possuem dimensões, formações, ambientes e culturas específicas, onde os sujeitos comungam do anseio de viver bem no seu lugar de vida.

*Porteirinha* é um município localizado na microrregião de Janaúba, tendo no ano de 2021, uma população total estimada de 37.823 pessoas, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *São Francisco*, está na microrregião de Janaúria, com população total estimada de 56.625 habitantes. *Mirabela*, tem uma população de 13.651 pessoas e *Montes Claros* 417.478, ambos pertencem a microrregião de Montes Claros.

Estes municípios viveram com suas especificidades, a presença de políticas públicas generalizantes, que prometiam a superação dos ditos entraves para o desenvolvimento. Discursivamente a migração era relacionada a estes atrasos, pois as terras Norte Mineiras, não estariam ofertando oportunidade de vida e sim, seca e miséria, por isso, a chegada do “desenvolvimento” traria a oportunidade de permanecer em sua origem. Compreendemos que o campo brasileiro, a partir das premissas da modernização conservadora e das ações pró desenvolvimento, foi exposto a contradições e tentativas de descaracterização de modos de vida das populações nativas. Os homens e mulheres do Sertão Norte Mineiro, conviveram com estigmas e representações, que contribuíram para a invenção desses lugares enquanto ambientes “vazios”. Discursos que foram utilizados para atender a interesses particulares, resultando em políticas públicas excludentes.

Os incentivos para a substituição das práticas e insumos tradicionais por aqueles produzidos pela indústria, como os adubos químicos, agrotóxicos, tratores e sementes convencionais, geraram para o sertanejo dependência à indústria, divergindo das práticas tradicionais. Esse é um dos momentos que merecem maior destaque, quando nos propomos compreender os processos migratórios, pois a modernização agrícola está ligada as migrações em busca de trabalho e como exposto por Paula (2003, p.29), “as relações capitalistas incentivam a mobilidade

espacial da população. Os trabalhadores migram em busca de trabalho em função do modo de produção capitalista que unifica o mercado de trabalho urbano e o mercado de trabalho rural”.

A crescente industrialização do campo, na busca de maiores lucros, obrigaram os pequenos agricultores rurais a acessarem estas tecnologias, sendo introduzidos em diversos mercados. Graziano da Silva (1996) diz que o avanço da industrialização no Brasil foi pensado para gerar lucros para o grande capital, não para os pequenos produtores, que passaram a comprar rações, medicamentos, máquinas, sementes, entre outros. Por esse motivo, esse período foi de forte expropriação, gerando diversos processos migratórios.

O fato é que a expansão da grande empresa capitalista na agropecuária brasileira nas décadas de sessenta e setenta foi ainda muito mais acelerado que em períodos anteriores. E essa expansão destruiu milhares de pequenas unidades de produção, onde o trabalhador rural obtinha não apenas parte da sua própria alimentação, como também alguns produtos que vendia nas cidades. É essa mesma expansão que transformou o colono em boia-fria, que agravou os conflitos entre grileiros e posseiros, fazendeiros e índios, e que concentrou ainda mais a propriedade da terra. (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p. 5)

Esse processo foi referido por Durham (1978), como *crise dos meios de subsistência*, onde para manter o processo de expansão capitalista e industrial, limitam as terras que se tornaram também mercadorias e criam novas necessidades que só são adquiridas através do dinheiro. Na medida em que estimulam o aumento da produção para venda, precisam adquirir certos utensílios e a produção para alimentação fica em segundo plano, gerando a necessidade inclusive da compra de mantimentos. Assim, o processo migratório é propagado, motivado como a esperança de melhoria de vida, um ciclo vicioso de expulsão.

Tivemos como resultado as migrações do campo para cidade, como também incremento das migrações temporárias. Graziano da Silva (1996) nos aponta para um processo de modernização parcial, isso tanto entre produtos, como regiões. Para o autor passou a existir as *culturas de rico* (café, cana de açúcar, trigo, soja...) e as *culturas de pobre* (feijão, fava, arroz, milho...), acentuando as disparidades regionais. Esse processo de modernização parcial acarretou justamente no aumento da sazonalidade de trabalhadores rurais. Não foram em todas as etapas do ciclo produtivo que o trabalho manual foi substituído por máquinas e o acesso a elas foi mais forte em áreas de monocultura dos grandes proprietários de terras. Então,

durante as épocas das colheitas das *culturas de rico*, muitos trabalhadores tornaram-se mão de obra temporária, o que veio a modificar também as relações de trabalho no rural.

O migrante temporário para Martins (1988) é o sujeito que vive incluso em um universo social da migração, para ele esse processo não é apenas estar em *trânsito* ou um simples movimento por vontade própria, inclui *transição* de tempos, vivências, espaços sociais e geográficos, condicionados por contradições sociais e envolvidos em uma trama histórica, pessoal e de grupo. Além disso, essas migrações em sua maioria estão dentro de um processo de desatar laços familiares e criar laços do desenvolvimento do capital, como a exploração da agricultura familiar, e a inversão e invasão que acontece no seu calendário pelo ciclo capitalista. Assim muitos migrantes temporários saem para trabalhar como assalariados, para conseguir dinheiro que será utilizado na reprodução das condições de vida no seu lugar de origem.

Foi também durante este período, que a *caminho da cidade*, muitos trabalhadores buscaram a reprodução da vida. Durham (1978) revela que a saída do campo para a cidade já evidencia uma transformação nos critérios de avaliação do trabalho, a necessidade de dinheiro, novos sonhos e ambições. Chegando na cidade a maioria se ocupa de subempregos, nas palavras da autora, de *trabalhos marginais*, isso acontece pela falta de qualificação<sup>4</sup>, o que conduz os sujeitos a serviços sem contrato legal e de baixas remunerações. As mulheres trabalham como domésticas, babás, cuidadoras. Os homens vendedores ambulantes, trabalhadores da construção civil, entre outros.

A princípio não existe escolha ao migrante, já que na cidade não há meios de prover sua subsistência. Mas é preciso salientar que suas decisões ainda serão pautadas pelos valores da sociedade de origem, por isso, Durham (1978) aponta a valorização do trabalho autônomo como ligação ao trabalho familiar na terra de origem. Outra relação que permanece é referente a ligação com a família, geralmente não migra todo o núcleo familiar, avós cuidam de netos, esposas esperam seus maridos, é preciso que alguém permaneça para que se tenha lugar para voltar. “Restabelece-se assim a relação entre subemprego urbano e economia de

---

<sup>4</sup> Reconhecimento legal de sua condição e documentos: “Consiste na aquisição de padrões culturais que se referem não apenas a novas técnicas, mas, inclusive, a novas normas de relações sociais e de valores que se manifestam como atitudes e motivação para o trabalho” (DURHAM, 1978, p. 147)



subsistência rural, através de um ciclo que envolve a transferência de um para o outro” (DURHAM, 1978, p.154).

Fato também demonstrado pelos estudos de Paula (2003) sobre a integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho na cidade de Montes Claros - MG. Saem do campo com a expectativa de mobilidade social e ao chegarem no meio urbano encontram relações de trabalho muito antagônicas. A necessidade de sobrevivência gera adaptações, submissão, “o que significa uma dependência direta com os mais variados processos de produção do capital” (PAULA, 2003, p.124). Ainda assim, não resultando em uma integração de igualdade no sistema de trabalho.

O ir e vir é presente nas histórias sertanejas e por isso buscamos entender esse processo a partir da categoria analítica migração, compreendendo-a não como uma simples opção casual, pois “como qualquer outro fenômeno social de grande significado na vida das nações, as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas” (SINGER, 2008, p.29). A migração é aqui entendida como um processo social complexo, uma rede, um emaranhado de relações sociais, ela “pode ser definida como mobilidade espacial da população, sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e o seu ambiente físico” (BECKER, 1997, p. 323).

As análises de Sayad (1998) tornam-se importante para nossas pesquisas, tendo em vista que referimos à migração como um processo social complexo, de saída e chegada, de presença e ausência, para além do deslocamento geográfico. O sujeito migrante nunca retorna o mesmo, ele se modifica e modifica as suas relações com seu grupo de origem, bem como, o lugar de origem e destino. O autor caracteriza a imigração (1998) como um *fato social total*, para ele essa definição é uma das poucas que gera concordância entre a comunidade acadêmica, nos colocando na condição de falar da sociedade como um todo, em sua dimensão diacrônica (perspectiva histórica) e em sua extensão sincrônica (estruturas e funcionamentos presentes da sociedade), sem separar isso de todo o percurso, de saída e chegada (SAYAD, 1998, p.16).

Os estudos realizados através da participação no Projeto de Pesquisa: “*Do Sertão para outros mundos*”, nos possibilitou uma rica experiência ao estudar e

analisar como ocorrem a formação e a manutenção das redes de relações sociais, nos processos migratórios de trabalhadores sertanejos. Realizado pela equipe de pesquisadores do OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco, tivemos a interdisciplinaridade como uma via rica para analisar a profundidade de tal temática, fazendo leituras através de diferentes áreas do conhecimento, como as ciências sociais, antropologia, geografia humana e outras. Os trabalhos de campo revelaram o itinerário do migrante, as redes que vão sendo tecidas, as trocas e saberes, e todo o espaço que é percorrido e sentido. Desta forma, em Porteirinha, São Francisco, Mirabela e Montes Claros, os sujeitos encontram na migração a esperança de uma vida melhor e assim iniciam a travessia.

### **Entre o lugar de vida e de trabalho: as partidas para a migração**

Durante a realização dos trabalhos de campo, fomos conhecendo aos poucos as vidas migrantes. Pudemos ouvir de quem realmente vive o processo, suas preocupações, sonhos, alegrias, desafios, tristezas, um conjunto de sentimentos que eram transparecidos nas feições, gestos e olhos, ao recontarem suas vivências. Nos municípios fomos recepcionados em seus lares que traziam nas paredes coloridas ou nos eletrodomésticos conquistados, as marcas e motivações das saídas e assim, como as migrações nestes lugares obedecem a um calendário fluído das idas e vindas para os trabalhos, nossos encontros contaram com essas facetas.

Algumas conversas ocorreram em meio as expectativas das vésperas das saídas, onde os planos começavam a serem traçados. Em outros momentos haviam acabado de retornar, com desejos quebrados ou alcançados. Os jovens migrantes expressavam com frescor e disposição as suas histórias e por mais difícil que fosse os trabalhos, as esperanças saltavam os olhos. Naqueles, que saíram há mais tempo, ou que há alguns anos não mais migraram, carregavam as marcas do trabalho desgastante, com menos empolgação ao contar sobre suas saídas, mas com a consciência de que tudo que passaram foi realmente preciso.

Nos quatro municípios pesquisados encontramos algumas formas de migrações, onde mesmo que com durações distintas, se caracterizaram por serem predominantemente temporárias. Temos trabalhos temporários para as colheitas e plantações, que seguem um calendário agrícola e ocorrem todos os anos em

determinados meses, destinando cidades do interior do estado de Goiás, São Paulo e Sul de Minas. Coexistem também as migrações para as capitais e áreas urbanas, que geralmente se prologam por um tempo maior e há uma variedade de serviços. São migrações internas e destinadas para o trabalho, geralmente objetivando a aquisição de dinheiro para a reprodução da vida, bem como outras demandas, como por exemplo, a compra de algum eletrodoméstico, veículos, reforma da casa ou algo já predeterminado.

Os destinos e os trabalhos se relacionam, pois, quando vão para as capitais, ou cidades mais urbanizadas da região, geralmente se empregam na construção civil, trabalhos domésticos e em ocupações que exijam pouca qualificação formal, ou seja, tornam-se mão de obra barata. Quando vão para outras áreas rurais, se empregam em trabalhos agrícolas, plantações e colheitas como: cana, café, hortifrúti, grãos, entre outros.

Por mais que as durações, formas e nuances sejam distintas, há dentre as características marcantes, a temporariedade. A luz de Sayad (1998), entendemos que chegando no lugar de destino os sujeitos vivem uma dupla contradição: por um lado, estão em um estado provisório que é prolongado indefinitivamente e ao mesmo tempo este estado permanente é vivido com o sentimento de provisoriedade. Assim são os caminhos percorridos pelos migrantes, que quando vão para as áreas urbanas ou para os trabalhos agrícolas, geralmente tem a expectativa de encontrar um meio para a reprodução da vida, que pode vir a ser prolongado. No entanto, vivem com o sentimento de incerteza, já que lá é diferente do lugar de origem, onde para morar precisam pagar aluguel e a renda adquirida é fruto dos trabalhos inconstantes, sem outros meios de prover suas subsistências.

Neste sentido, Martins (1998, p.49) reflete que “se, em termos demográficos, a duração – o *temporário* – é essencial para o estudo das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de *ausência*”. Pois será um migrante temporário todo aquele que considera a si mesmo, *fora do lugar* e de *casa*, isto é, ausente, mesmo que demograficamente tenha migrado definitivamente. Isso quer dizer que essas migrações, tornaram-se *permanentemente provisórias* e são recheadas de histórias e ciclos, desde as migrações temporárias para as colheitas que se perpetuaram, até os trabalhos nas zonas urbanas. Histórias como a de Eliomar de 38 anos, moradora do Quilombo Buriti do Meio, em São Francisco, que precisou

retornar por conta das crescentes dificuldades encontradas em Brasília, destino de sua migração:

*Passamos muitas dificuldades. Dificuldade assim de fome nunca teve, mas necessidade de precisão, a gente sempre passava. Igual, às vezes tinha o dinheiro do aluguel, mas não tinha o da água e da luz, sempre tinha essas coisinhas assim [...] Trabalhava mesmo só pra pagar as contas, às vezes não estava sobrando nem pra dar o melhor pro meu filho. Achei por bem vir embora. (Depoimento de Eliomar, 38 anos, moradora do Quilombo Buriti do Meio em São Francisco-MG, Julho de 2017)*

Com base na literatura de Woortmann (2009), podemos tipificar essas diversas formas de migração em três modalidades: a migração pré-matrimonial do filho, a migração do chefe de família e a emigração definitiva. Ponderamos que os estudiosos aqui referenciados, realizaram pesquisas em diferentes contextos e épocas, mas suas análises são cruciais para nossa reflexão, onde o mais significativo está no conhecimento das especificidades de cada lugar.

Com relação a migração pré-matrimonial, ela acontece anteriormente ao casamento, podendo visar a aquisição de recursos para a constituição da nova família, mas além desta particularidade há um sentido simbólico-ritual, pois, “para tornar-se *homem* é preciso enfrentar o *mundo*, mesmo entre os fortes, e retornar vencedor, o que será atestado pelo dinheiro trazido de volta” (WOORTMANN, 2009, p. 219). A migração do pai pode representar uma continuidade da migração pré-matrimonial, mas também ocorre devido aos momentos de *precisão*. *Precisão* é o termo que demonstra as dificuldades do lugar, que algumas vezes aparecem como a falta de trabalho, impedimentos de desenvolver atividades como plantar ou pescar, agregado as expectativas de melhoria, de conseguir mais dinheiro para a sobrevivência. Essas formas de migração, podem vir a resultar em um estágio máximo, que é a emigração definitiva.

É importante compreender que as migrações influenciam tanto a vida de quem vai, como de quem fica e modifica tanto os lugares de origem, como de destino. É desta maneira que vão sendo tecidas novas matizes e dentro disso teremos também as migrações de mulheres, de novas gerações e a constituição e fortificação de redes migratórias. O processo migratório não se resume a um deslocamento geográfico, vai além, é um processo social complexo, regido por tempos e espaços. As migrações são marcadas pelos tempos da *saída*, da estadia no *destino* e o tempo ou expectativa de *voltar para o lugar de origem*.

O início da migração ocorre a partir de uma decisão e sair não é visto como uma escolha, mas como falta de alternativa, por esse motivo, em muitos depoimentos a palavra *obrigado* era citada e assim, iam se *aventurar* na expectativa de melhorar de vida. A moradora de Porteirinha, Maria de Lourdes, de 53 anos, que realizou a migração para a *cidade grande* quando trabalhou em Belo Horizonte, enquanto relembra sua história de vida representou sua saída como uma *aventura*, constatando que mesmo conhecendo outras pessoas que já foram, estava de certa forma vendada, com a intenção de “*tentar a vida e se aventurar para ver se dava certo*”<sup>5</sup>.

Autores como Woortmann (2009), chamam atenção para um aspecto, que pode representar uma ordem camponesa, uma moral do campo, que é marcante nos modos de vida dos municípios pesquisados. O autor afirma que:

Camponeses são, além de produtores de alimentos, produtores também de migrantes. Por isso, áreas camponesas já foram chamadas de “celeiros de mão-de-obra”. A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar, de fato, pode ser condição para a permanência camponesa. (WOORTMANN, 2009, p.217)

Migrar é também resistir. As saídas expressam sonhos de consumo, sonhos de quem migra, sonhos de quem fica. O recurso financeiro que é fruto do trabalho realizado geralmente por apenas um membro da família, que é quem migra, é partilhado por todos os demais membros. A ida pode ser individual, mas o retorno é coletivo.

O migrante vivendo neste complexo de ir e voltar, conta com a reciprocidade e os laços no seu lugar de origem. É comum nestes municípios as afinidades e costumes que vão para além de laços consanguíneos, existem relações de apadrinhamento e vizinhança que faz com os sujeitos se reconheçam como de um mesmo lugar. Tais processos são significativos para a constituição dos costumes e identidades e essas relações são cruciais para o tecer das redes, que iniciam no lugar de origem.

---

<sup>5</sup> Depoimento de Maria de Lourdes, 53 anos, moradora de Porteirinha-MG, Janeiro de 2018.

## O Tecer das Redes

Na medida em que os *conhecidos* retornam e expõem as benfeitorias conseguidas, aguçam a vontade de novos sujeitos a migrarem. Sayad (1998), ao pesquisar sobre os emigrantes da Cabília que saíam para a França, demonstrou essa relação. Enfatiza que há uma visão idealizada da terra de destino, construída pelos retornados que destacam as coisas boas que conseguiram adquirir, uma postura que talvez exista para demonstrar que foram bem-sucedidos na migração. Por isso, muitas vezes houveram quebras de expectativas e chegando no destino, se viam em meio a outro mundo, distinto de onde vieram.

**Autor:** *O que você sentiu e pensou quando chegou lá?*

**Eliomar:** *Eu achei lá tudo muito diferente! Cheguei lá e achei que não ia me adaptar! No primeiro serviço mesmo, eu não fiquei por isso, porque eu queria mais voltar do que ficar. Aí sai do primeiro serviço, trabalhei só uns dois meses, porque eu queria voltar e a patroa dispensou. Mas antes de voltar para cá, eu conheci outro serviço e fiquei oito anos.*

**Autor:** *O que te motivou ir para Brasília?*

**Eliomar:** *Eu não fui no propósito de me exhibir, mas o povo me enxergava muito exibida. Eu fui na curiosidade mesmo, mas eu não achei tão fácil assim não.*

**Autor:** *Qual era sua curiosidade?*

**Eliomar:** *É que quando o pessoal voltava de lá, falava que era bom, que era isso e aquilo. Comprava muita coisa. Ai quando eu fui, que eu não comprava muita coisa, eu ficava pensando, será que esse povo passava era fome para chegar lá luxando? (Depoimento de Eliomar, 38 anos, moradora do Quilombo Buriti do Meio em São Francisco-MG, Julho de 2017)*

O trabalho de Pires (2019) demonstra uma diferenciação realizada pelos migrantes, entre o lugar do trabalho e o *lugar da gente*, pois “mesmo vivendo uma vida marcada pelo ir e vir e conceber que no destino conseguem o sustento, o *estar lá* é o tempo marcado pela não identificação, tratando-se então de um não-lugar” (PIRES, 2019, p.118). De acordo com a conceituação de Augé (2002, p.95), o não-lugar é um espaço de utilidade que “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude”. Desse modo, nas migrações os sujeitos se dirigem para um não-lugar, ou simplesmente o lugar do trabalho, da lida, que apesar de todos os pesos negativos, representa a forma de angariar os recursos para viver no *lugar de origem*: “*aqui é bom demais de viver! A paz, a tranquilidade, o ar que a gente respira é outro! Mas em relação a salário é muito fraco*”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Depoimento de Eliomar, 38 anos, moradora do Quilombo Buriti do Meio em São Francisco, Julho de 2017.

Saquet e Mondardo (2008, p.127) expõem que a migração é um processo social e em rede, que quando “iniciado, torna-se cumulativo, mantido através das idas e vindas dos migrantes entre os territórios de origem e de destino. Esse movimento gera muitas relações e redes, e é condicionado por elas”. Já Truzzi (2008), ao falar de redes, chama atenção para o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, podendo influenciar, estimulando ou refreando novas migrações. Woortmann (2009, p. 222) por sua vez, classifica como rede social de apoio, onde os primeiros a migrar para garantir o retorno, precisam conhecer o destino e entender como conviver no novo espaço social e assim facilitam e divulgam para que outros possam vir a migrar. O fato é que as redes, que envolvem relações sociais, são determinantes no processo, sendo comum ouvir dos migrantes que “*sempre viam o pessoal do lugar sair*”, incentivado e significando maior segurança para suas saídas.

Nos propomos verificar o papel das famílias nesses trajetos migratórios, analisando a construção e a interação em rede, especialmente através das relações sociais históricas, efetivadas no cotidiano por meio dos contatos, dos vínculos e das ajudas. As relações de parentesco e reciprocidade, demonstraram destaque durante todo o processo, pois, as migrações se iniciam e, sobretudo se perpetuam através de redes sociais de informação, onde essas relações de afinidades proporcionam uma facilidade para a entrada de novos migrantes, como também, a confiança para o início dessa travessia.

Carminha moradora do bairro rural Sagrada Família, do município de São Francisco, é um exemplo, de várias pessoas que ouvimos ao longo das pesquisas de campo. Ela nos conta que saiu para Belo Horizonte para trabalhar como doméstica, uma vez que sua filha havia saído primeiramente e conseguido esse emprego:

*Foi com a minha filha que fui. Mas, é por isso que eu vou falar com você, sempre tem pessoas lá que falam: ‘ah se fulano vim eu consigo um serviço aqui para ele’, então através disso meu menino mesmo foi, através de outro que trabalhava lá e levou ele, encaixou ele. Então, é por isso que eu falo que um vai passando para os outros. (Depoimento de Carminha, moradora de São Francisco-MG, Julho de 2017)*

Da mesma forma, Eliomar do Quilombo Buriti do Meio (São Francisco-MG), foi trabalhar como doméstica em Brasília, tanto pela curiosidade de conhecer o lugar onde muitos de seus familiares estavam, como pela vontade de conquistar seus sonhos:

*Eu fui no intuito de trabalhar e até mesmo por curiosidade, já que todo mundo saía aqui do lugar. Porque na época meu pai era vivo, hoje ele é falecido, na época ele era vivo e dava o básico para nós, aí eu estudava e falei assim: 'eu tenho curiosidade de conhecer essa cidade' e fui para Brasília. (Depoimento de Eliomar, 38 anos, moradora do Quilombo Buriti do Meio em São Francisco-MG, Julho de 2017)*

Pudemos perceber a importância das redes para os trabalhos relacionados a migração. Quando o sujeito toma a decisão de partir, inicia a missão de conseguir “o emprego” e este é também, um dos momentos de atuação das redes sociais de migração. Identificamos que as maneiras mais comuns para acesso aos trabalhos é por meio do “gato” ou por indicação.

Para os trabalhos temporários agrícolas é comum a saída em *turmas*. As turmas são formadas por uma média de 60 pessoas do lugar, que saem dos municípios organizadas por sujeitos, que são geralmente designados como *gatos* ou *fiscais*. O *gato* é alguém do lugar, que é responsável de fazer o contato com o “dono” das fazendas e organizar a ida, quem vai e quando. No *estar lá* aparentemente faz o mesmo trabalho que o restante da turma, mas também exerce funções diferenciadas, recebendo um salário melhor por isso. Tivemos a oportunidade de conversar com alguns *gatos*, eles iniciaram realizando os trabalhos manuais como os outros e em algum momento se tornaram “*de confiança*”, sendo promovidos a *fiscais*:

*Fui catador, fui chapa, fui tudo, pau para toda obra. Aí conhecendo esse empreiteiro lá no trabalho, ele falou: 'não Darlan, vou colocar você de fiscal numa empresa'. Ele estava prestando serviço lá no Sul de Minas, aí eu peguei 60 pessoas e levei para lá e foi plantar alho, colher alho e eu fui tomar conta dessa equipe lá. (Depoimento de Darlan Ferreira de Souza, 41 anos, moradora de São Francisco-MG, Abril de 2018)*

Sendo eles do lugar, vão levar para os trabalhos aquelas pessoas de confiança, que possuem um vínculo, seja familiar ou de vizinhança, deste modo o comportamento durante os trabalhos vai garantir o retorno nos próximos anos. Também é comum a saída de forma *independente*, porém, não solitária e geralmente efetivada por meio de uma indicação de alguém conhecido.

Portanto, a ida para a migração acontece sempre de forma coletiva. Facilitada pelo *gato*, alguém do lugar que leva uma quantidade de trabalhadores para um serviço já definido. Ou entre entes da mesma família, uma família de laços de sangue ou afetivos, típicos acordos e coalizões do Sertão Norte Mineiro.



## Considerações Finais

Objetivando analisar as migrações em redes em Porteirinha, São Francisco, Mirabela e Montes Claros, pudemos conhecer diversas histórias. Nosso intuito foi trazer a luz categorias importantes para a compreensão do Sertão Norte Mineiro, por isso, a todo momento, ao passarmos pelos caminhos dos Gerais, adentramos em estudos sobre identidade, tradição, cultura, território e assim atravessamos pelas migrações do lugar.

Muitas vidas foram atingidas por uma proposta de “desenvolvimento”, que esteve associado a ideologias, modernização, crescimento econômico e o mais agravante, tornou-se um caminho único, uma “solução” para todos os aspectos de atraso existentes e “inventados”. As críticas a este modelo de desenvolvimento são de suma importância para questionar ideias que, por muito tempo, pareceram intrínsecas ao processo, como o progresso, a linearidade da história e a separação homem e natureza. Essas associações rudimentares acabam perpetuando estigmas, como o do sertão hostil e a partir da naturalização de tais questões, as alternativas de superação aparecem justamente enquanto um modelo de desenvolvimento falacioso. Desta maneira, perpetuam-se conflitos, entre aqueles que impõe políticas e os que tem os modos de vida desprezados.

É necessário propor novas soluções, através da ação coletiva e pela diversidade. Percebemos a carência de políticas que proporcionem o ficar, pois é preciso que elas possibilitem chances de um viver digno, adequadas as culturas e especificidades dos povos.

A pesquisa nestes municípios demonstrou que as migrações se constituem em rede. Através das relações familiares e de reciprocidade os sujeitos iniciam os trabalhos no lugar de destino, mantendo-se ligados a origem. A saída do lugar geralmente só acontece com apoio de outro familiar, que anteriormente traçou o mesmo caminho e assim de forma cíclica, novos migrantes vão sendo incorporados. No destino percebemos que a rede não se desfaz, ao contrário, é procurada para que o sentimento de pertencimento exista.

O processo de sair do “*Sertão para outros mundos*”, pode parecer um movimento de quebra, de perdas, de rupturas, porém, nos nossos trabalhos de campo encontramos também um outro lado, a migração nos é revelada como processo de resistência. Percebemos que com todo esse processo de rupturas e o embate entre a

lógica capitalista e tradicional, o sertanejo vai se adaptando para reprodução dos seus modos de vida, porém, a resistência no lugar de origem muitas das vezes se inscreve com e na migração. Dessa maneira, compreendemos que a migração tem se mostrado como forma de defesa daqueles que vivem no Sertão Norte Mineiro e partem em uma travessia na busca de melhores condições de vida e da manutenção da família. Há um complexo de formas, maneiras, motivos e destinos, porém o que fica claro são as transformações que esse processo acarreta.

O lugar de vida é o lugar de origem, que traça as identidades e fortalece as relações. “*O ar que a gente respira é outro!*”<sup>7</sup>, o ritmo é próprio, mas os pontos que ligam origem e destino se entrecruzam como as raízes da vida. São famílias de sangue e afeto, que ao tecer as redes migratórias, compartilham sonhos e colaboram para um viver bem na travessia.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v.8, n.15, p.145-151, 1995.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus/Travessia do Século, 2002.

BECKER, Olga Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; et al. **Explorações geográficas: Percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Brasil, 1997, p. 319-367.

COSTA, João Batista Almeida. **Mineiro e Baianeiros: englobamento, exclusão e resistência**. 332 f. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Natureza e populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: **Revista Verde Grande**. Montes Claros: Unimontes /SEMMA vol. 1, n.3, 2005. p. 8-47.

COSTA, João Batista de Almeida. Identidade Norte-Mineira: Assuntando sua especificidade regional nos estudos de Nação. In: **Revista Verde Grande** (Unimontes), v. 1, p. 29-40, 2007.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2012. (Coleção biblioteca básica brasileira; 24).

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

---

<sup>7</sup> Depoimento de Eliomar, 38 anos, moradora do Quilombo Buriti do Meio em São Francisco, Julho de 2017.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás de Abreu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: 2011.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade.** Trabalho apresentado no SIMPÓSIO “NATUREZA E SOCIEDADE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANTROPOLOGIA”, na 23a Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, RS, 19 de junho de 2002.

LOPES, Camilo Antonio Silva. Desmistificando metáforas e construindo saberes: do sertão aos sertões ao sertão nordestino. In: COSTA, João Batista Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (orgs). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos.** São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: FAPEMIG; Montes Claros: UNIMONTES, 2012, p. 353-365.

MARTINS, José de Souza. O vô das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão.** Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: “A Esperança de Melhoria de Vida”.** 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2003.

PIRES, Maria Cecília Cordeiro. **“A PRECISÃO FAZ IR LONGE”:** Migração e Des-envolvimento em Comunidade Rural do Sertão Norte Mineiro. 147 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2019.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. In: **Revista NERA.** Presidente Prudente Ano 11, nº. 13. 2008.

SAYAD, A. **A Migração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia Política da Urbanização.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-62.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In: **Revista Tempo Social,** v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

WOORTMANN, Klass. Migração, família e campesinato. In: **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas.** V.1. Org: Clifford Andrew Welch (Et.al). São Paulo: UNESP, Brasília, DF: NEAD, 2009.